


Varia

Formação de professores para o ensino de inglês como meio de instrução em uma universidade pública: reflexões e desafios

Sandra Mari Kaneko Marques¹ 

Stefanie Fernanda Pistoni Della Rosa² 

RESUMO

Dado o intenso processo de internacionalização das universidades brasileiras surge a necessidade da comunidade acadêmica melhorar sua proficiência em inglês para participar de programas de mobilidade, sendo notável o aumento de oportunidades para a troca de conhecimentos e para o incentivo à produtividade e parcerias científicas. Neste cenário, com a globalização e internacionalização, as instituições de ensino superior reconhecem a importância do inglês como língua franca, devido ao acesso à inserção internacional. A universidade, neste contexto, também desempenha o papel primordial de implementar ações pedagógicas para dar suporte a atividades para esses fins. Com iniciativas para implementar esta língua-alvo na internacionalização em casa, atividades voltadas para este fim têm aumentado exponencialmente. Por exemplo, um currículo internacionalizado é um meio pelo qual todos os estudantes universitários podem se beneficiar do processo de internacionalização, pois envolve um conjunto de atividades realizadas na própria instituição que auxilia estudantes locais e estrangeiros no sentido de prepará-los para atuar em contextos multiculturais e internacionais. Para conseguir isso, precisamos preparar educadores para ministrar seus cursos usando o inglês como meio de instrução. Neste trabalho, apresentamos diferentes cursos de Inglês como Meio de Instrução (IMI), tanto online quanto presenciais, oferecidos desde 2019 em uma universidade pública paulista. Os objetivos dos cursos incluíam apresentar a teoria e a prática do ensino de diferentes conteúdos disciplinares utilizando o IMI tendo como público-alvo professores de graduação e pós-graduação. Apresentaremos informações sobre cada curso e, em seguida, refletiremos sobre práticas bem-sucedidas e desafios ainda a serem superados em nosso contexto.

Palavras-chave: Inglês como Língua Franca. Inglês como Língua de Instrução. Internacionalização em Casa. Internacionalização do Currículo.

Bethânia Mariani
Editora-chefe dos
Estudos de Linguagem

Disponibilidade de dados e material:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo

¹Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.
E-mail: sandra.kaneko@unesp.br

²Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, Hortolândia, SP, Brasil
E-mail: stefanie.dellarosa@gmail.com

Recebido em: 05/11/2024
Aceito em: 19/02/2025

Como citar:

KANEKO MARQUES, Sandra Mari; DELLA ROSA, Stefanie Fernanda Pistoni. Formação de professores para o ensino de inglês como meio de instrução em uma universidade pública: reflexões e desafios. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 68, e65266, maio.-ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i68.65266.pt>

Contextualização

Primeiramente, faz-se necessário apresentar de forma breve a estrutura da universidade em foco neste artigo, sendo uma instituição pública multicampus no estado de São Paulo. Tal instituição está presente em 24 cidades do estado, com 34 faculdades e institutos, totalizando, aproximadamente, 53.578 mil alunos de graduação e pós-graduação, segundo dados do anuário de 2023¹.

As informações apresentadas neste estudo são oriundas de diversas ações e atividades em apoio à internacionalização da referida universidade. Cronologicamente, em 2017, a universidade se credenciou no Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF)² do Ministério da Educação, tendo os três *campus* que alocam o curso de Letras-Inglês, Araraquara, Assis e São José do Rio Preto, como Núcleos de Línguas (NUCLis). Esses núcleos ofertavam cursos de alemão, espanhol, inglês, francês, italiano e português para estrangeiros, bem como testes de nivelamento em língua inglesa, espanhola, alemã e francesa e testes de proficiência em língua inglesa (Kaneko Marques; Garcia 2019).

Com a cessão do programa em 2019 pelo governo Bolsonaro, algumas das ações então desenvolvidas nesses núcleos de ensino, principalmente as que se referem ao oferecimento de cursos de línguas para a comunidade interna, foram assumidas por outros projetos na universidade. Dentre eles, destacamos o Programa de Língua Inglesa (PLIU): internacionalização, formação e transversalidade, com o suporte de um convênio com uma instituição financeira privada, em vigência no período de 2017 a 2021, desenvolvido com base no plano de internacionalização da instituição. Tal programa tinha como intuito fomentar cinco ações relacionadas à melhoria da proficiência linguística da comunidade acadêmica³, sendo elas: aumento do nível de proficiência em língua inglesa de alunos de graduação; capacitação em inglês de professores e servidores dos escritórios de internacionalização; produção de artigos científicos em língua inglesa; expansão dos projetos Teletandem Brasil e BraVE (*Brazilian Virtual Exchange*) e melhoria da infraestrutura dos Centros de Línguas da universidade (Pinto; Garcia; Santos 2021).

A partir de 2022, após a análise do relatório final do PLIU, as ações do programa foram ampliadas, incluindo outras línguas estrangeiras. Não obstante, passou a contar com a participação das pró-reitorias de pós-graduação e extensão e cultura, além da coordenadoria de permanência estudantil e assessoria de relações externas da instituição. Assim, passou a ser intitulado: Programa de Línguas Estrangeiras (PLEU) e encontra-se em vigência atualmente. Suas linhas de ação visam ao oferecimento de cursos de inglês para fins ocupacionais para servidores, cursos de inglês, espanhol e francês para alunos da permanência estudantil, cursos online de português para estrangeiros, cursos preparatórios para o exame TOEFL-ITP, disciplinas de leitura e escrita acadêmica em inglês para alunos de pós-graduação e capacitação docente em língua inglesa,

¹ Anuário completo disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/anuario>. Acesso em 24 abr 2024.

² Mais informações sobre o programa, no período a que se refere este estudo, estão disponíveis em: <https://isf.mec.gov.br/>. Ressaltamos que o programa foi reestruturado e atualmente continua com suas ações em parceria com a Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior). Mais informações disponíveis em: <https://www.andifes.org.br/institucional/redeisf/>. Acesso em 24 abr 2024.

³ Maiores informações sobre o Programa Língua Inglesa na UNESP: <https://www.ibilce.unesp.br/#!/centro-de-linguas-1/idiomas-sem-fronteiras/programa-de-lingua-inglesa-da-unesp-programa-encerrado/>. Acesso em 24 abr 2024.

em cursos abordando *Content Language Integrated Learning* (CLIL) e Inglês como Meio de Instrução (IMI) (Salomão *et al.*, 2023).

Os dados tratados nesta investigação se referem a períodos distintos e em programas diferentes, todos com o mesmo intuito, oferecer oportunidades de desenvolvimento linguístico e pedagógico de docentes da universidade em língua inglesa desde 2019. Valendo-se dessa contextualização, a seguir apresentaremos algumas questões embasadoras de cunho teórico-metodológicas. Posteriormente, descreveremos tais cursos e seus objetivos, assim como refletiremos sobre as práticas bem-sucedidas e desafios ainda a serem superados em nosso contexto.

Embasamento teórico

Nesta seção, abordaremos questões relacionadas ao Inglês como Língua Franca, internacionalização do ensino superior, discutindo conceitos de internacionalização em casa e currículo internacionalizado, para posteriormente, tratar das características do Inglês como Meio de Instrução (IMI).

Inglês como Língua Franca

A premissa para o reconhecimento da língua inglesa como *Língua Franca*, ou global ou internacional, se faz pela sua influência nas diferentes esferas e contextos, sendo eles político, cultural, comercial, profissional, acadêmico etc. Para além dos países cujo inglês seja língua oficial, Crystal (2003) afirma que mais de cem países atribuem à língua inglesa o status de língua estrangeira, tendo a maioria deles inserindo-a formalmente nos currículos escolares. Todavia, não são (apenas) os dados numéricos que tornam tal reconhecimento possível. O autor é categórico ao afirmar que o status de língua internacional está diretamente relacionado ao poder, principalmente, militar, político e econômico daqueles que a falam.

Ao remontar a trajetória da língua inglesa e seu reconhecimento como *Língua Franca*, o autor detalha os avanços, sobretudo aqueles mediados pela tecnologia, nos séculos XIX e XX e atribui à Inglaterra grande influência mundial em virtude da sua posição como líder industrial e comercial no século XIX e a potência econômica que se tornou os Estados Unidos da América no século seguinte.

Percebe-se, portanto, que a emergência de comunicação entre nações, principalmente aquelas que ocupavam papel central no cenário econômico cuja língua materna era a língua inglesa, colocam o inglês como sendo a língua capaz de intermediar as relações internacionais sejam elas de qualquer natureza.

Quando considerado o contexto acadêmico, Mauranen (2014) afirma que a academia é um domínio do Inglês como *Língua Franca* (ILF) por ter no âmbito internacional um dos seus pilares. A autora reitera que pesquisas de ponta têm seus membros residindo em diferentes lugares no mundo e a academia é, eminentemente, dependente de cooperações

internacionais. Para Wood (2001) publicar um trabalho científico em inglês é garantir que ele seja lido e citado com mais frequência.

Em pesquisas realizadas por Della Rosa (2013, 2018) pesquisadores brasileiros reconhecem o inglês como língua internacional da ciência e entendem ser fundamental desenvolver suas habilidades nessa língua a fim de poderem compartilhar resultados de pesquisas, participar de eventos acadêmicos internacionais, conduzir pesquisas em parceria com instituições ao redor do globo, entre outros. As razões apontadas por esses pesquisadores resumem algumas das características do que nomeamos “internacionalização do ensino superior”, a ser discutido de forma breve na próxima subseção.

Internacionalização do Ensino Superior

Nos últimos anos, principalmente após a implantação do Programa Ciências sem Fronteiras (CsF) em 2011 e posteriormente Idiomas sem Fronteiras (IsF) em 2014, discussões acerca da internacionalização ganharam força e dimensões para além da mobilidade acadêmica passaram a ser consideradas. De acordo com Crowther (2000), a mobilidade acadêmica pode ser compreendida como uma ação promotora da internacionalização, mas não seria a única e nem a principal. O autor destaca, inclusive, que a maioria dos estudantes do ensino superior não teriam oportunidade de estudar em outros países⁴. Por essa razão, a necessidade de pensar a internacionalização como agenda central das Instituições de Ensino Superior (IES) que oportunizassem a “dimensão internacional” para os estudantes em sua totalidade fez com que o termo “internacionalização em casa” surgisse.

⁴O autor esclarece em seu texto que fala como europeu e do contexto europeu. Todavia, entendemos que sua compreensão pode ser generalizada para demais contextos de internacionalização.

Para Nilsson (2000), a internacionalização em casa inclui, como princípio, a internacionalização do currículo. Segundo o autor, um currículo internacional(izado) fornece conhecimento e habilidades tanto internacionais quanto interculturais, de modo a preparar os estudantes para atuar profissionalmente, socialmente e emocionalmente em contextos internacionais e multiculturais. Elsner de Faria e Cassol (2022 *apud* Whitsed *et al.*, 2024) afirmam que a internacionalização do currículo é uma das formas mais democráticas de possibilitar que a internacionalização tenha condições de alcançar todos os estudantes das IES. Todavia, ao problematizar a temática da internacionalização na América Latina, os autores ressaltam que, por desconhecimento sobre como torná-la possível, muitas universidades da região continuam a associá-la à mobilidade e ao intercâmbio.

Em seu artigo *Internationalisation at home – institutional implications*, Crowther (2000) destaca a importância de a internacionalização ser um projeto institucional, para que não seja compreendida como uma atividade marginalizada dentro da instituição, promovida por “entusiastas amadores (p. 37)” e sem credibilidade.

Abreu-e-Lima, Almeida e Moraes Filho (2021) apresentam a percepção do Núcleo Gestor do Programa Idioma sem Fronteiras (IsF)

sobre internacionalização a partir de aspectos que evidenciam ações institucionais, dentre eles: a importância da interação dos currículos nacionais e a possibilidade de alinhamentos com os currículos internacionais; investimento em uma comunicação multilíngue em portais e sites; tradução dos documentos necessários para reconhecimento dos trabalhos executados; estímulo a redes de pesquisa com pesquisadores e especialistas de diferentes nacionalidades; oportunidades para a vinda de estrangeiros (mobilidade *in*) e a ida de brasileiros para o exterior (mobilidade *out*), oferta de cursos de idiomas nas línguas pertinentes para interação entre grupos de pesquisas; oferta de cursos de português e de cultura brasileira e investimento em sistemas de gestão nacional para que as IES possam acompanhar e gerenciar estrangeiros no país e brasileiros no exterior.

Em 2019, foi publicado pelo *British Council* e pela Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI) o *'Guide to English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education Institutions'* que apresenta o panorama brasileiro no processo de internacionalização do ensino superior, destacando maior foco das IES em ampliar a rede de colaboração com instituições internacionais e priorizar o desenvolvimento da Internacionalização em Casa, também por meio da mobilidade interna e capacitação de funcionários.

Coleman (2006) em seu artigo “estado da arte” sobre Inglês como Meio de Instrução afirma que as IES reconhecem a necessidade da internacionalização por motivos que variam desde o impacto na qualidade da experiência de aprendizagem dos seus estudantes com relação à consciência cultural que se amplia até o prestígio que essa instituição passa a ter e, segundo o autor, a internacionalização está diretamente relacionada ao ensino de Inglês como Meio de Instrução (Coleman, 2006).

Inglês como Meio de Instrução (IMI)

Com a expansão de cursos e programas voltados para o Inglês como Meio de Instrução (IMI) em instituições de ensino superior, observamos um aumento expressivo em pesquisas na área de Linguística Aplicada. O crescimento do IMI normalmente se relaciona com objetivos de internacionalização, metas financeiras e melhoria no ranking de universidades ao redor do mundo (Tejada-Sanchez; Molina-Naar, 2020).

De acordo com Gimenez *et al.* (2021), o Inglês como Meio de Instrução é tradicionalmente conhecido como o ensino de disciplinas acadêmicas em países onde a língua materna não seja a língua inglesa. Todavia, a autora afirma que o IMI faz parte de ações impulsionadas por políticas linguísticas nos países que buscam desenvolver a Internacionalização em Casa, por meio de abordagens com foco no conteúdo e na língua.

O Inglês como Meio de Instrução se materializa como cursos ou disciplinas de áreas não linguísticas, tais como Medicina ou Ciência Política, ministrados em inglês por docentes que não tem esta como sua

língua materna para alunos que têm o inglês como língua estrangeira (Tejada-Sanchez; Molina-Naar, 2020). Diferentemente do Inglês para Fins Acadêmicos (IFA), que tem como foco o desenvolvimento de competências linguísticas para atuar em contextos acadêmicos, o IMI se ocupa primordialmente de conteúdos próprios e específicos das áreas de atuação de alunos e docentes, ou seja, IFA tem como foco a construção de conhecimentos acerca da língua inglesa enquanto a ênfase do IMI recai sobre conteúdo de uma determinada área.

Em estudo realizado por Gimenez (2021) é evidenciado o aumento de disciplinas de IMI ofertadas em cursos de pós-graduação e outras extracurriculares desde 2016 no país. A autora apresenta dados de pesquisa de Martinez (2016) que apontam que:

o IMI no Brasil está ainda na infância, mas crescendo rápido; que ele traz oportunidades para aprender com as experiências dos outros ao redor do mundo, tem tido efeito positivo na motivação dos alunos, tem contribuído com a 'internacionalização em casa' e promovido melhoria da prática reflexiva e da prática de sala de aula de professores do ensino superior e a colaboração entre professores de outras áreas que lecionam em inglês e especialistas da área da linguagem (Gimenez *et al.*, 2021 p. 525).

Mesmo com um considerável aumento na demanda por cursos de IMI, muitas pesquisas no contexto universitário brasileiro apontam que a implementação desses cursos acabam sendo iniciativas pessoais de docentes e não sendo uma proposta institucionalizada (Passoni *et al.*, 2024).

Observamos que muitas ações se iniciam com a oferta de cursos de IMI para docentes sem formação na área de Letras para que eles tenham os subsídios necessários para adequar suas metodologias de ensino a essas novas demandas. Tais ações tendem a ser desenvolvidas por professores de línguas, que vem dando suporte às diversas atividades para o desenvolvimento da internacionalização institucional (Gimenez; Marson, 2022).

No entanto, é preciso ter em mente que, o oferecimento de cursos de IMI, por si só, não garante o estabelecimento da Internacionalização em Casa, pois é necessário que instituições de ensino superior tenham um plano estratégico a longo prazo, especialmente quando se trata de formação docente (Gimenez; Marson, 2022). De acordo com as autoras, as habilidades docentes para ensinar por meio da língua inglesa devem extrapolar sua proficiência linguística para o ensino, incluindo uma mudança em seu fazer pedagógico e profissional.

Segundo Chapple (2015) e Galloway (2020), o IMI se tornou uma tendência mundial em instituições de ensino superior. As motivações para sua implementação variam na medida em que cada instituição e/ou país tem suas particularidades, como políticas institucionalizadas de cooperação e suporte em tais implementações. Por exemplo, na Europa, busca-se a integração dos países membros da comunidade, respaldada pela política do 1+2, língua materna mais duas línguas estrangeiras.

Enquanto na Ásia, procura-se receber mais estudantes internacionais, dessa maneira, as disciplinas precisam se adequar a esse propósito.

Já no contexto latino-americano, os desafios se relacionam com questões do Sul Global, tais como baixa qualidade na formação acadêmica de professores, recursos financeiros insuficientes, inconsistências nas políticas linguísticas e educacionais, além da necessidade de produção de conhecimento envolvendo comunidades locais. Mesmo dentro desse cenário, observa-se um crescimento na promoção de ações de internacionalização em instituições de ensino superior envolvendo a melhora da qualidade acadêmica em termos de pesquisa e desenvolvimento, aumento da mobilidade acadêmica, mais oportunidades de financiamento e a incorporação de IMI (Tejada-Sanchez; Molina-Naar, 2020).

Abordagem Metodológica

Consideramos este estudo quanto à sua abordagem como de natureza qualitativa, pois mesmo trazendo alguns dados numéricos, nos preocupamos com o aprofundamento da compreensão deles num contexto institucional no que tange à formação docente em IMI (Paiva, 2019).

Nesse sentido, temos o intuito de descrever, compreender e explicar as relações entre o global, tendo em mente a internacionalização do ensino superior como um todo, e o local, buscando compreender o impacto das ações implementadas institucionalmente, observando:

as diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (Silveira; Córdova, 2009, p. 32)

Quanto aos objetivos e aos procedimentos, nossa investigação tem cunho descritivo e documental, pois se baseia em informações provenientes de relatórios de projetos, programas de cursos oferecidos, editais de cursos de formação docente, bem como traz características de uma investigação com perguntas sobre opiniões e atitudes dos participantes nos cursos, próprias da pesquisa descritiva. Nas seções seguintes, trazemos as descrições e reflexões das diferentes modalidades de cursos oferecidos para a formação docente em IMI.

Descrição das modalidades dos cursos e suas particularidades

Os objetivos dos cursos para docentes de pós-graduação, aqui descritos, buscavam abordar questões teórico-práticas acerca do ensino e aprendizagem de diferentes conteúdos disciplinares, envolvendo o inglês como meio de instrução. Ressaltamos que eles foram oferecidos por meio de iniciativas e parcerias distintas.

Em 2019, tivemos a primeira oferta do curso presencial de 40 horas de *Content Language Integrated Learning* (CLIL) e IMI em parceria com a Universidade de Queensland, em que foram disponibilizadas 72 vagas distribuídas em 4 turmas nas cidades de Presidente Prudente (04 a 08/02/2019), Botucatu (11 a 15/02/2019), Araraquara (18 a 22/02/2018) e São José do Rio Preto (25/02 a 01/03/2019). Os docentes foram selecionados via edital próprio⁵, que tinha como objetivo fortalecer o processo de internacionalização dos Programas de Pós-Graduação com a formação docente para a oferta de disciplinas em Língua Inglesa a alunos estrangeiros e brasileiros.

Assim, esses cursos poderiam estimular os interessados de todas as áreas de conhecimento a ministrar disciplinas em inglês em seus programas de pós-graduação, “com vistas ao incremento do intercâmbio científico e futuros projetos em parceria com universidades no exterior” (Edital 18/2018, p.1). Nesta oferta, foram 54 concluintes, aproximadamente, 14 por turma.

Em 2020, com a pandemia da COVID-19, o ensino remoto emergencial impactou muitas práticas de sala de aula e, conseqüentemente, as ofertas desses cursos passaram a ser online. Assim, foram oferecidas 36 vagas distribuídas em duas turmas de 18 professores num curso online, de 20 horas, de agosto a setembro, em que tivemos 26 concluintes.

Já em 2021, uma nova oportunidade de ensino de IMI para docentes foi oferecida pelo Escritório Regional de Língua Inglesa (*RELO Office*) e Fundação Fulbright em parceria com o Consulado e Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, por meio do edital *VELF-Virtual English Language Fellow Program*. Por meio do referido programa, as instituições pleiteadas teriam um professor nativo com formação na área de ensino de inglês para falantes de outras línguas ou de inglês como língua estrangeira para ministrar cursos, oferecer palestras, participar de projetos voltados para o ensino de inglês, por um semestre. Com essa oportunidade, oferecemos um curso online de IMI de 20 horas para atender docentes localmente. Tivemos 26 inscritos e 9 concluintes.

No mesmo ano, ainda por uma colaboração do *RELO Office* em parceria com o Consulado e Embaixada dos Estados Unidos, indicamos 9 docentes da instituição para realizar um curso online assíncrono de IMI oferecido pela *Ohio University* de 64 horas, de setembro a novembro. Desses 9 docentes, 4 foram selecionados e concluíram o curso.

Em 2023, tivemos novamente o oferecimento do curso online síncrono de CLIL e IMI para docentes em parceria com o *Queensland Institute of Continuing Education*, em que 20 docentes concluíram o curso.

Em 2024, tivemos três oportunidades distintas de formação em IMI. A primeira delas foi um evento de 2 dias, com carga horária de 20h, sediado em São Paulo para professores universitários que haviam concluído o curso de IMI da *Ohio University*, oferecido e financiado pelo *RELO Office*, Embaixada e Consulado dos Estados Unidos em 2021. A instituição foco deste estudo teve dois docentes presentes, um da área

⁵Disponível em:
EDITAL 08/2018
- UNESP - PROPG -
AREX /SANTANDER
<https://www2.unesp.br/portal#!/propg/projetos-internacionais/fapesp/2016/>. Acesso em 25 abr 2024.

de Medicina e uma da área de Letras. No referido evento, docentes de instituições públicas do Brasil todo tiveram a oportunidade de compartilhar experiências, realizar oficinas e assistir palestras com especialistas.

A segunda oportunidade de formação em IMI foi um curso online síncrono para docentes, ministrado por uma docente e uma mestranda da área de Letras, com carga de 15 horas síncronas e 15 horas assíncronas, no período de abril a junho, em parceria com o Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP) do *campus* de Araraquara. Foram recebidas 141 inscrições, dessas foram selecionados 66 docentes distribuídos em duas turmas e tivemos 22 concluintes.

Além dessa iniciativa, foram indicados 7 docentes da instituição para realizar o curso online assíncrono de IMI oferecido pela *Ohio University* de 64 horas. Desses 7 docentes, 5 foram selecionados e estão realizando o curso, com previsão para término em novembro de 2024. Em agosto de 2024, a instituição lançou um novo edital para docentes para o curso online síncrono de CLIL e IMI, oferecido pela *Queensland Institute*, com carga horária de 20h e 40 vagas distribuídas em 2 turmas, com início do curso em outubro.

Tendo em vista essas iniciativas em diferentes modalidades, oferecidas desde 2019 por intermédio de parcerias externas, de cursos de IMI para docentes, na seção seguinte, apresentamos algumas reflexões sobre tais ofertas.

Desafios e reflexões

Para melhor visualização dos dados apresentados, organizamos os cursos no quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1. Oferta de Cursos IMI.

Ano de oferecimento	Modalidade	Instituição Promotora Parceira	Carga Horária	Inscritos	Concluintes
2019	Presencial	Universidade de Queensland	40h	72	54
2020	Online síncrono	Universidade de Queensland	20h	36	26
2021	Online síncrono	RELO/Fulbright/VELF	20h	26	9
2021	Online assíncrono	RELO/Ohio University	64h	9	4
2023	Online síncrono	Universidade de Queensland	20h	21	20
2024	Online assíncrono	RELO/Ohio University	64h	7	5
2024	Online síncrono	Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores	30h	66	22
2024	Presencial	RELO/Embaixada e Consulado Americano	20h	2	2

Fonte: Elaboração Própria.

Pela análise dos dados levantados, notamos um constante interesse dos docentes em participar de cursos de formação em IMI, sendo uma iniciativa que dá suporte a outras ações de internacionalização em casa. Por meio de tais cursos, os docentes podem ter acesso a diferentes metodologias ativas em que o aluno se torna protagonista de seu processo de aprendizagem, além de possibilitar ao professor oportunidades para refletir sobre sua própria prática em sala de aula (Gimenez *et al.*, 2001). Considerando o cenário apresentado no quadro 1, apresentamos numericamente o impacto desses cursos, por meio dos totais de inscritos e concluintes em todas as modalidades de oferta (Tabela 1):

Tabela 1. Público atendido (2019-2024).

Inscritos	Concluintes	Desistentes
239 (100%)	142 (59,4%)	97 (40,6%)

Fonte: Elaboração Própria

No âmbito institucional, Juliani (2022) aplicou questionários online de levantamento para todo o corpo docente da mesma universidade. Sua investigação tinha como intuito identificar necessidades e dificuldades de professores universitários para ensinar seu conteúdo de especialidade em inglês. Foram obtidas 222 respostas ao questionário dentre os 3.087 docentes⁶ da universidade no ano de 2022.

Tendo em mente que no IMI, o foco do ensino é o conteúdo e não as estruturas linguísticas, uma das perguntas do questionário abordava o interesse em fazer um curso que preparasse docentes para dar aulas em inglês.

Dos 222 respondentes, 84 responderam que concordavam plenamente e 47 parcialmente, totalizando 131 docentes que se interessaram por um curso com essas características. Ainda acerca dos dados da mesma pesquisa, semelhantemente à figura 1, referente a um grupo de 26 docentes, 84,6% nunca haviam ministrado disciplinas em inglês. Neste grupo de 222 respondentes de diferentes *campus* da universidade, temos 82%, como pode ser observado na figura 2.

Na tentativa de detalhar esses dados e de analisar o impacto dessas iniciativas de formação docente em IMI, no período de 2019 a 2024 (primeiro semestre), observamos o oferecimento de 19.088 disciplinas⁷ distribuídas em 139 programas⁸ de pós-graduação da universidade. Dessas, 402 foram ministradas em língua inglesa, 42 em espanhol, 1 em francês e 1 em italiano, totalizando 446 disciplinas em línguas estrangeiras em diversas áreas de conhecimento. A maioria das disciplinas se concentrou nas seguintes áreas nesta ordem: engenharia elétrica, odontologia, ciência animal e ciências da saúde. Das 402 disciplinas, 36 delas são disciplinas instrumentais, ministradas por especialistas na área de Letras-Inglês, constituintes do portfólio⁹ de disciplinas de pós-graduação da IES, iniciativa lançada pela Pró-reitoria

⁶Conforme os dados do anuário estatístico de 2022. Anuário completo disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/anuario>. Acesso em 08 ago 2024.

⁷Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação.

⁸De acordo com o anuário de 2023.

⁹Mais informações disponíveis em: <https://www2.unesp.br/portal#!/propg/disciplinas-portfolio>. Acesso em 28 ago 2024.



Figura 1. Interesse de docentes.

Fonte: Juliani (2022, p. 52).



Figura 2. Disciplinas ministradas em inglês

Fonte: Juliani (2022, p. 34).

de Pós-Graduação em 2022 para o oferecimento de disciplinas no formato híbrido, sendo elas de cunho transversal, instrumental e/ou específico. Essas disciplinas são consideradas instrumentais, pois tem como intuito fornecer ferramentas e estratégias para aperfeiçoamento de habilidades acadêmicas de leitura, escrita científica e compreensão oral.

Assim sendo, tivemos 366 disciplinas ministradas em inglês em diversas áreas no referido período. Não foi possível identificar com exatidão quais disciplinas foram ministradas em inglês, por terem um professor convidado estrangeiro entre seus ministrantes, no âmbito do CAPES-Print¹⁰ ou por terem sido oferecidas por um professor que fez algum curso de formação em IMI. Isso ocorreu devido ao fato de que a

¹⁰ Programa Institucional de Internacionalização. Mais informações sobre o programa disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/informacoes-internacionais/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>. Acesso em 11 set 2024.

planilha fornecida não continha essas informações. Buscaremos essas informações em estudos futuros.

Dearden (2014) já havia apontado como uma preocupação geral se cursos de IMI tinham produzido resultados melhores ou piores, considerando o cenário de ensino e aprendizagem. Segundo a autora, respondentes acabaram apontando outras questões problemáticas tais como: professores sem formação em IMI, ausência de recursos, falta de orientações claras para o ensino e para o uso da língua (uma mistura de línguas ou apenas inglês), clareza nos critérios de avaliação, reconhecimento do papel dos professores de conteúdo, dos professores de inglês e dos centros de línguas.

No contexto latino-americano, Tejada-Sanchez e Molina-Naar (2020), após a aplicação de questionários e a realização de entrevistas com docentes e servidores em uma universidade colombiana, notaram a falta de articulação entre as iniciativas de internacionalização e a implementação de IMI, bem como indicam três fatores primordiais para o sucesso no ensino de inglês, sendo eles: continuidade, monitoramento e avaliação e qualidade docente.

Concordamos que iniciativas como as descritas neste artigo são sempre bem acolhidas pela comunidade universitária e auxiliam no norteamento de professores que desejam se iniciar no ensino de inglês como meio de instrução, fomentando ações de internacionalização institucionalmente. Entretanto, percebemos que é necessário ter um plano a médio e longo prazo, com continuidade, regularidade, monitoramento e avaliação do oferecimento desses cursos, tal como propõem Tejada-Sanchez e Molina-Naar (2020). Não obstante, esses cursos poderiam ser distribuídos em diferentes módulos, de acordo com as experiências internacionais e linguísticas de docentes. A proposta de ensino e formação em IMI está ancorada no Plano¹¹ Estratégico de Internacionalização (2018-2021) da instituição, em que são apresentadas como estratégias, a constituição de uma comunidade de docentes que sejam capazes de ministrar suas disciplinas em outra língua, preferencialmente inglês, e a implementação de um programa de formação em IMI e metodologias ativas para sustentar o oferecimento de disciplinas em inglês.

Assim, entendemos que ações de internacionalização do currículo e internacionalização em casa são apoiadas pela instituição. Entretanto, no mesmo plano, são apontados como fraquezas a serem superadas a pouca articulação com o plano de desenvolvimento institucional, barreira linguística, baixa qualificação de equipes em ações de internacionalização, assimetrias na universidade, dificuldade na coleta e análise de dados sobre internacionalização, dentre outros.

Além desses desafios, é importante salientar que a diversidade das instituições e parcerias que promoveram os cursos relatados aqui, pode ser benéfica ao público-alvo, por incluir diferentes fontes de materiais didáticos, metodologias de ensino distintas, bem como o contato com especialistas com históricos diversos de formação profissional

¹¹ Mais informações sobre o Plano disponíveis em <https://www2.unesp.br/portal#!/print/general-information/print-project/>. Acesso em 11 set 2024.

e acadêmica. Entretanto, essa mesma característica pode ocasionar a fragmentação do ensino e da formação docente em IMI na instituição investigada.

Dessa maneira, concordamos que é necessário oferecer oportunidades de ensino e formação em IMI com continuidade, regularidade, monitoramento e avaliação dos resultados alcançados. Defendemos também que essa formação docente em IMI deva ser reconhecida institucionalmente para fins de progressão de carreira ou para fins de avaliação docente em programas de pós-graduação, para que mais docentes se sintam incentivados a ministrar cursos em língua inglesa.

Considerações finais

O reconhecimento do inglês como língua internacional e seu papel enquanto língua da ciência exigem que as instituições de ensino se mobilizem frente a práticas que atendam as demandas do processo de internacionalização do ensino superior no Brasil. Tal processo tem como um de seus princípios orientadores o ensino de Inglês como Meio de Instrução (Marsh; Laitinen, 2005).

Com base em estudos preliminares realizados em instituições ao redor do globo, Dearden (2014) apontou que muitos professores tinham pouca ou nenhuma compreensão sobre as implicações do ensino por meio do IMI. Nesses casos, o ensino de IMI deveria envolver uma mudança na concepção de ensino de aulas centradas no docente para uma prática pedagógica mais dinâmica e interativa, na qual o aprendiz passa a ser protagonista, uma vez que o IMI não se resume a traduzir conteúdos da língua materna para o inglês apenas.

Este parece ser um desafio para formadores de professores na educação continuada, de modo que haja maior compreensão acerca dos papéis ativos e críticos a serem desempenhados por esses docentes, para que eles possam ter os subsídios teórico-práticos para melhor preparar seus alunos para atuação numa sociedade plural e globalizada. Compreendemos que os impactos dessas ações se desenrolam a longo prazo e, normalmente, numa velocidade que não se alinha às nossas expectativas.

Conforme dados apresentados neste artigo, verifica-se tanto o interesse de professores em compreender a proposta do IMI para ministrar disciplinas na língua inglesa quanto a diversidade da oferta de oportunidades de cursos de formação em IMI para docentes. Como encaminhamentos, esperamos identificar docentes que passaram pelos cursos mencionados para obter mais informações sobre suas iniciativas de implementação de práticas pedagógicas envolvendo o IMI, dar apoio a tais iniciativas no que tange ao suporte pedagógico e linguístico, de forma a auxiliar a internacionalização do currículo em nossa instituição.

Mesmo não sendo o objetivo deste trabalho, concordamos ser pertinente mencionar a discussão sobre o cenário de formação e ensino

de IMI em diferentes regiões e instituições do Brasil. Muitas apresentam características semelhantes, tais como a falta de apoio institucional ou a insegurança de alunos e professores, no que se refere à proficiência linguística em inglês. Reconhecemos as particularidades das instituições e regiões e, entendemos que, por meio do estabelecimento de redes de pesquisa e colaboração, poderemos compreender melhor essas especificidades.

Não obstante, é de suma importância desenvolver e disseminar conhecimentos construídos acerca das experiências de implementação do IMI em nosso contexto para dar força à produção científica do Sul Global, com a proposição de “sulear” (Kleiman, 2013) as produções de modo que as pesquisas em Linguística Aplicada retratem sua realidade e seus desafios, sem a necessidade de se basear em dados, relatórios e pesquisas desenvolvidas nos contextos europeus e/ou asiáticos.

Referências

ABREU-E-LIMA, D. M.; ALMEIDA, V. P.; MORAES FILHO, W. B. Idiomas sem Fronteiras: internacionalização da educação superior e formação de professores de língua estrangeira. In: ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B.; NICOLAIDES, C.; QUEVEDO-CAMARGO, G.; SANTOS, E. M.; (org.). *Idiomas sem Fronteiras: internacionalização da educação superior e formação de professores de língua estrangeira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. p. 9-37.

CHAPPLE, J. Teaching in English Is Not Necessarily the Teaching of English. *International Educational Studies*, [S. l.], v. 8, n. 3, 2015. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1060798>. Acesso em: 01 ago. 2024.

COLEMAN, J. *English-medium teaching in European Higher Education*. Reino Unido: Language Teaching, 2006.

CROWTHER, P. Internationalisation at home: Institutional implications. In: CROWTHER, P. et al. *Internationalisation at home: A position paper*. Amsterdam: EAIE, 2000. p.35-40.

CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2003.

DEARDEN, J. *English as a Medium of Instruction: A growing global phenomenon*. London: British Council, 2014.

DELLA ROSA, S. F. P. *Análise das reflexões estabelecidas por pesquisadores entre conhecimento de língua inglesa e desempenho acadêmico*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5759>. Acesso em: 01 ago. 2024.

DELLA ROSA, S. F. P. *A percepção e a atuação de aprendizes em relação à autonomia em um curso de inglês para propósitos acadêmicos*. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10144>. Acesso em: 01 ago. 2024.

GALLOWAY, N. (ed.). *English in higher education - English medium Part 1: Literature review*. Londres: British Council, 2020.

GIMENEZ, T. N et al. *Guide English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education Institutions 2018-2019*. London: British Council, 2018.

GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; KADRI, M. S. E.; MARSON, M. Z.; KADRI, A. E. Por uma agenda de pesquisa sobre inglês como meio de instrução no contexto de ensino superior brasileiro. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, [S.L.], v. 60, n. 2, p. 518-534, 2021.

GIMENEZ, T. N.; MARSON, M. Z. Teacher Education in English as a Medium of Instruction Settings: A partial view from Brazil. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 75, n. 1, p. 155-172, jan./apr. 2022.

JULIANI, L. M. *A Emergência Da Capacitação De Professores Em Content And Language Integrated Learning (Clil) e English As Medium Of Instruction (Emi) Para A Internacionalização Do Ensino Superior*. 2022. Tese (Monografia) – Graduação em Letras, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/3370f8fa-24ea-4724-ae58-6ddefb8f20a4>. Acesso em: 01 ago. 2024.

KANEKO-MARQUES, S. M.; GARCIA, D. N. M. Implementação do Programa Idiomas sem Fronteiras na UNESP. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 242-261, abr. 2019.

KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

MARSH, D.; LAITINEN, J. *Medium of Instruction in European Higher Education: Summary of research outcomes of European Network for Language Learning Amongst Undergraduates (ENLU)*. Jyväskylä: UniCOM/University of Jyväskylä, 2005.

MAURANEN, A. English as the Lingua Franca of the Academic World. In: BELCHER, D.; JOHNS, A. M.; PALTRIDGE, B. (ed.). *New Directions in English for Specific Purposes Research*. Michigan: Michigan University Press, 2011. p. 94-117.

NILSSON, B. Internationalising the curriculum. In: CROWTHER, P. *et al. Internationalisation at home: A position paper*. Amsterdam: EAIE, 2000. p. 21-28.

PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

PASSONI, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S.; STILLWELL, C. University professors' representations on an online EMI course in Paraná – Brazil. *The ESpecialist*, São Paulo, v. 45 n.3, 2024.

PINTO, P. T.; GARCIA, D. N. M.; SANTOS, D. C. Ações de Internacionalização para o Ensino e a Pesquisa na Área de Línguas. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 5618-5630, jan/mar. 2021.

Programa Língua Inglesa na UNESP. *Programa Content and Language Integrated Learning (CLIL) UNESP/University of Queensland*. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/propg/projetos-internacionais/fapesp/2016/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SALOMÃO, A. C. B. *et al. Relatório Parcial do Programa Línguas Estrangeiras na UNESP (PLEU)*. São Paulo: UNESP, 2023.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TEJADA-SANCHEZ, I.; MOLINA-NAAR, M. English Medium of Instruction and the Internationalization of Higher Education in Latin America: A case study from a Colombian University. *Latin American Journal of Content & Language Integrated Learning*, v. 13, n. 2, p. 339-367, 2020.

WHITSED, C. *et al.* Disrupting internationalisation of the curriculum in Latin America. *High Education*, v. 88, p. 1145-1163, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10734-023-01163-0>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Teacher Education for English as a Medium of Instruction in a Public University: Reflections and Challenges

ABSTRACT

Given the intense process of internationalization in universities, the need for the academic community to improve their English language proficiency to participate in mobility programs is notable, since they provide opportunities for the knowledge exchange and encourage productivity and scientific partnerships. In this scenario, with globalization and internationalization, universities recognize the importance of English as a Lingua Franca, as it gives access to international insertion. The university, in this context, also plays the primary role of implementing and maintaining pedagogical actions to provide support for such actions. With initiatives to implement this target language, internationalization at home activities have been increasing exponentially. For instance, an internationalized curriculum is a means by which all university students can benefit from the internationalization process, as it involves a set of activities carried out at the institution itself providing assistance to both local and foreign students to be prepared to work in multicultural and international contexts. In order to achieve this, we need to prepare educators to teach their subject courses using English as a Medium of Instruction (EMI). In the study, we aim at presenting different EMI courses, both online and face-to-face, that have been offered since 2019 in a public university in Sao Paulo. Course objectives included introducing the theory and practice of teaching different disciplinary content using EMI and the target audience included undergraduate and graduate professors. We intend to present background information about each course and then, reflect on successful practices and challenges yet to be overcome within our context.

Keywords: English as a Lingua Franca. Medium of Instruction, Internationalization at Home. Internationalization of the Curriculum.